

ANO 8
Nº 28
NOVEMBRO/
DEZEMBRO
2012

Maranhão Industrial

Impresso
Especial

9912238055

FIEMA-MA

CORREIOS

VORACIDADE

Fome e sede de consumo do maranhense terá impacto no comércio e na indústria



CABOTAGEM

Maranhão liga o Brasil
ao Mercosul

CAPACITAÇÃO

Sistema Indústria investe
em qualificação

ESTIAGEM

Clima afeta a pecuária
maranhense

vivo

VIVO EMPRESAS

Vivo Direto. É mais que rádio. É ilimitado e com a maior cobertura do Brasil.

Com **Vivo Direto**, você fala ilimitado, em um toque, com qualquer **Vivo Direto** do Brasil. É a maior cobertura do país para falar direto com seus funcionários, clientes, família e amigos. E você ainda tem todas as outras vantagens do seu Vivo num único aparelho e num único número.

POR APENAS
R\$ **29,90** /MÊS

Conheça planos para você e sua empresa em www.vivo.com.br/vivodiretoempresas ou ligue 1058 e agende uma visita.

vivo Conectados vivemos melhor.



Ligações ilimitadas para outros assinantes do serviço Vivo Direto. A contratação do Vivo Direto está condicionada à contratação de um vivo pós e à aquisição de aparelho compatível. Valor mensal do Serviço Vivo Direto: R\$ 49,90 (promocionalmente R\$ 29,90), com tributos, sujeito a alteração conforme legislação vigente. Serviço exclusivo para clientes Vivo GSM Pós-pago, compatível com terminal PTT (Push-To-Talk). O Vivo Direto é um serviço de valor agregado que permite ao cliente realizar chamadas nacionais para outro assinante do Vivo Direto dentro da área de cobertura da Vivo e possui renovação automática. Consulte os preços, mensalidades e condições de contratação dos Planos Vivo Pós. Antes de contratar o Vivo Direto, consulte o Termo de Uso do Serviço e verifique os aparelhos compatíveis em www.vivo.com.br/vivodireto. A Vivo possui a maior cobertura do país, em número de municípios, conforme o site www.teleco.com.br, em 15/04/2012.

Federação das Indústrias do Estado do Maranhão
www.fiema.org.br
Presidente
Edilson Baldez das Neves

1º Vice-Presidente
Francisco de Sales Alencar
2º Vice-Presidente
Luiz Fernando Coimbra Renner
Vice-presidentes: Mário Machado Mendes, José de Ribamar Fernandes, João de Deus Pires Leal Neto, José Antonio Buhatem, Francisco de Assis Barros Carvalho, Cirilo José Campêlo Arruda, Nelson José Nagem Frota, Benedito Bezerra Mendes, Marco Túlio Pinheiro Regadas, Joanas Alves da Silva, Francisco de Assis Miranda, Roberto Vasconcelos, Alencar, José de Ribamar Barbosa Belo, Pedro Robson Holanda da Costa, José Augusto Batista, Antonio Carlos Lopes Ribeiro, João Alberto Teixeira Mota Filho, João Neto Franco e João Batista Rodrigues, José Raimundo Nunes Sarmento.
1º Secretário
Leopoldo Debrz de Moraes Rêgo
2º Secretário
Cláudio Donisete Azevedo
1º Tesoureiro
Jose de Jesus Reis Ataíde
2º Tesoureiro
José Orlando Soares Leite Filho

SUPLENTES DA DIRETORIA

Antonio Alves Barbosa, Francisco das Chagas Oliveira, Geraldo Raimundo de Paula, Júlio Rodrigues dos Santos, Ana Ruth Nunes Mendonça.

CONSELHO FISCAL - EFETIVOS

Eduardo de Souza Leão, Rachid Abdalla Neto e Nazareno de Andrade dos Santos.

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Edivan da Silva Amâncio, Carlos Augusto Fonseca Mendes e Jair Rosignoli.

DELEGADOS REPRESENTANTES JUNTO À CNI

Efetivos: Edilson Baldez das Neves, Francisco de Sales Alencar

Suplentes: Raimundo Nonato Pinheiro Gaspar e Ricardo Pereira Barros

Presidentes dos Sindicatos afiliados:

Benedito Bezerra Mendes, João Alberto Teixeira Mota Filho, William José Nagem, Fabiano Churchill N. Cesar, João Neto Franco, Carlos Geisel Alves Barbosa, Ana Ruth Nunes Mendonça, João Carlos Magalhães Lopes, Pedro Robson Holanda da Costa, Raimundo Nonato Gaspar, Edvan da Silva Amâncio, João de Deus Pires Leal Neto, Francisco de Assis Gonçalves, Júlio Rodrigues dos Santos, Francisco de Assis Miranda, Antonio Carlos Lopes Ribeiro, José de Ribamar Barbosa Belo, Mário Machado Mendes, Clynewton Dias dos Santos, Manoel de Jesus Silva, Antônio José Sousa Silva, Cláudio Donisete Azevedo, Alexandre Rodrigues Ataíde, Nelson José Nagem Frota, Antônio Rosa Cruz Pereira, Francisco das Chagas de Sousa Nascimento.

SISTEMA Fiema

Superintendência da Fiema
Marco Antonio Moura da Silva
Superintendência Corporativa
José de Jesus Azzolini

Superintendência Regional do Sesi
Andréia dos Santos Marão
Diretoria Regional do Senai
João Alberto Schalcher de Oliveira
Superintendência Regional do IEL
Marco Antonio Moura da Silva
Assessoria de Comunicação do Sistema Fiema
Fernanda Moraes Rêgo

Maranhão
Industrial

Revista da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão - Fiema
Av. Jerônimo de Albuquerque, S/N - Cohama - CEP 65.060-645 - São Luís-MA.
Tel: (98) 3212.1816 / 3212.1897 - Fax: (98) 3212.1804
www.fiema.org.br
Superintendente e Consultor Econômico: Marco Antonio Moura da Silva
Edição: Portal Comunicação - portal-com@msn.com
Editora: Cíntia Machado
Reportagem: Cíntia Machado e Suzana Beckman

Fotografia: Herberth Brandão e Banco de Imagens.

Impressão: Linha D'Água

CONTATO COMERCIAL:

(98) 8817.9112 | 8169.9135

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento do Sistema Fiema.

AO LEITOR

Nesta edição, a Revista Maranhão Industrial mostra como o consumo em alta pode ser benéfico para a indústria local, especialmente de Alimentos e Bebidas. Os dados são apoiados em pesquisas realizadas pela McKinsey e pela empresa de geo-marketing Escopo. A voracidade do consumidor é tanta que está estimulando os investidores cada vez mais a colocar recursos na construção de shoppings centers na capital e no interior, por exemplo, em uma demonstração de que a iniciativa privada - o que inclui grandes grupos e marcas - confia nesse potencial.

Em uma entrevista com o ministro do Turismo, Gastão Vieira, o leitor vai perceber como o brasileiro está descobrindo o Brasil e o tamanho do impacto da atividade para a economia; fica sabendo dos investimentos em novos aeroportos regionais que irão beneficiar estados como o Maranhão e o esforço do Governo Federal em minimizar os custos que giram em torno da atividade turística visando tornar mais barato viajar pelo país, já que hoje o turismo internacional é mais vantajoso sob esse ponto de vista.

Em outras reportagens o leitor descobre as vantagens que a indústria local está encontrando na cabotagem, a navegação entre portos de um mesmo país, e como o gás pode dar um fôlego novo como insumo da indústria maranhense, em baixa especialmente no setor minero-metalúrgico.

Na nossa página de cultura um pouco da história que reúne economia solidária e ciência na produção da arte que vem das fibras naturais da bananeira e do quiabeiro: uma lição sustentável a ser aprendida por todos nós.

Boa leitura e até a próxima.

A editora



Capa 22

Fome e sede de consumo do maranhense terá impacto no comércio e na indústria



Estiagem 25

Clima afeta a pecuária maranhense



Capacitação 28

Sistema Indústria investe em qualificação



Cabotagem 32

Maranhão liga o Brasil ao Mercosul

Maranhão Industrial

SEÇÕES

Palavra do presidente 5

Recortes 6

Entrevista 10

Cultura 36

Ciência e economia solidária na arte de criar



PALAVRA DO PRESIDENTE

Edilson Baldez *

O ano de 2012 foi de reordenamento, realinhamento e readequação para o Sistema Indústria no Maranhão. Prestes a encerrá-lo, temos a certeza de que trabalhamos incessantemente pelo nosso propósito de contribuir para a expansão da atividade industrial no Maranhão e melhoria de sua competitividade.

Para tanto, não medimos esforços para a ampliação da oferta de educação básica regular e profissional, expansão da oferta de educação executiva e promoção da inovação e do desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas que contribuem para o aumento da produtividade na indústria maranhense.

Dentre os desafios enfrentados, não se pode deixar de enfatizar os resultados alcançados com a promoção do bem estar e da qualidade de vida dos industriários e de seus dependentes, pelas ações de saúde, de esporte, cultura e lazer.

Como disse nas comemorações do aniversário de 44 anos da Fiema, ocorrido em novembro na Casa da Indústria, estamos convencidos de que não há problema sem soluções. Os desafios devem ser energia a impulsionar a criatividade e a superação, as quebras de rotina e as mudanças de comportamento.

Estamos em um momento onde o estado do Maranhão assiste ao crescimento de sua economia, com a programação de maciços investimentos nos seus setores

industrial, de infraestrutura, de comércio e de serviços, com perspectiva de se efetivarem em curto e médio prazos.

Esses investimentos, por sua grandeza e diversificação, representam grandes desafios para as entidades que compõem o Sistema FIEMA (Federação, SESI, SENAI e IEL), em razão dos elevados quantitativos de mão de obra demandados e que, em tempo recorde, precisam ser qualificados.

Antes que um problema, este é um grande desafio para sustentar o crescimento econômico do Maranhão, pois sabemos que não pode faltar mão de obra, mas também não pode sobrar. Os investimentos em qualificação precisam ter correspondência com a expansão do emprego, da renda interna e do mercado consumidor.

Para atender à indústria nesse cenário atual e também futuro, é que investimentos estão sendo feitos em todas as entidades do Sistema FIEMA. São volumes superiores a R\$ 67 milhões para aplicação em infraestrutura física, equipamentos, recursos humanos, tecnológicas e novas ferramentas de gestão.

Estamos cientes do tamanho de nosso desafio, que se confunde com o tamanho dos investimentos anunciados e previstos para o Maranhão. Mas também sabemos que é possível e, tenham certeza, é para isso que estamos aqui. ■

**Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão.*



MAIS ENERGIA

A presidente Dilma Rousseff inaugurou em outubro a Hidrelétrica de Estreito, um empreendimento de R\$ 5 bilhões construído com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC2) e com capacidade para gerar 1.087 megawatts, o suficiente para atender a demanda de uma cidade com 4 milhões de habitantes. Acompanhada dos governadores do Maranhão, Washington Luiz Oliveira (em

exercício na época), do Tocantins, Siqueira Campos, do presidente do Senado Federal, José Sarney, a presidente Dilma destacou que a usina representa o resultado de um trabalho de equipe que envolveu diversas empresas brasileiras. Ela frisou ainda a importância dos investimentos em energias renováveis e se disse orgulhosa do Brasil por tais iniciativas.

REVISTA VALOR

A revista Valor Estados trouxe o Maranhão em destaque na sua edição de outubro. A publicação destaca a dinâmica da expansão dos investimentos em áreas como petroquímica, energia e logística, com investimentos previstos na ordem de R\$ 120 bilhões até 2020. A revista enfatiza o crescimento de 7% no Produto Interno Bruto (PIB) do estado ao ano desde 2010 e a geração de 75 mil novos empregos no comércio e na indústria. Completam ainda a lista de áreas com de maior interesse: celulose, cimento, aço, ouro, logística de transporte.

OBRAS PÚBLICAS

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) disponibiliza desde o dia 12/11 informações sobre o andamento das 107 principais obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) sob responsabilidade da autarquia. A divulgação dos relatórios marca o lançamento do BEM - Boletim Eletrônico de Medição [<https://gestao.dnit.gov.br/rodovias/rodovias-federais/bem/bem>], onde podem ser consultados o andamento, o custo e o prazo de execução de cada uma das obras. Até o primeiro semestre de 2013, a expectativa é que todas as 400 obras em curso, incluídas ou não no PAC, estejam disponíveis no site.

OPERAÇÃO ADIADA

Mesmo com a licença, a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) alterou o início da operação comercial da usina termelétrica da MPX, atendendo a pedido da própria empresa. Com isso, a usina deve começar a operar em 20 de dezembro próximo. A termelétrica do Porto do Itaqui foi licitada em 2007. Originalmente, o empreendimento deveria começar a funcionar em dezembro de 2011. A usina de Itaqui já possui a produção integralmente contratada no mercado regulado por prazos de 15 a 20 anos.

OPERAÇÃO ADIADA II

Com investimentos da ordem de R\$ 2,2 bilhões, a MPX, empresa de energia do Grupo EBX, obteve do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) a Licença de Operação para a Usina Termelétrica Itaqui, empreendimento de geração de energia localizado no Distrito Industrial de São Luís, no Maranhão. Movida a carvão mineral, a usina terá capacidade para gerar 360 MW de energia, aumentando em 65% a potência total instalada do estado e contribuindo para a segurança energética do país.



CAPACIDADE NO LIMITE

Estudo realizado pelo Governo Federal para apoiar a criação de um novo marco regulatório e divulgado com exclusividade pelo Valor dá conta de que os portos brasileiros irão demandar investimentos da ordem de R\$ 43,6 bilhões até 2030. Isso tudo para atender uma demanda de movimentação de cargas que saltará dos atuais 258 milhões para 975 milhões de toneladas/ano nos 34 portos públicos organizados. Esse salto gigantesco vai exigir uma melhor performance financeira e de produtividade das empresas que gerenciam os portos, assim como, é lógico, a criação de infraestrutura. Os portos do Nordeste, o que inclui o Itaqui, segundo os dados ainda não oficiais, serão os que terão um pouco mais de tempo para criar a infraestrutura necessária a esse crescimento, ainda assim a urgência está batendo à porta: 2016 é o prazo para a capacidade instalada ser atingida.



PRODUTIVIDADE LEITEIRA

Para aumentar a produção de leite dos rebanhos maranhenses, o Instituto de Agronegócios do Maranhão (Inagro) está investindo no melhoramento genético do gado. A entidade firmou termo de cooperação técnica com a Associação Brasileira dos Criadores de Girolando para garantir que pecuaristas do estado recebem gratuitamente doses de sêmen bovino. A raça girolando é responsável por 80% da produção de leite no Brasil. Serão entregues no Maranhão mil doses de sêmen de touros. As propriedades que receberão as doses estão localizadas entre as cidades de São Luís e de Imperatriz. Os produtores rurais receberão ainda assistência técnica gratuita. Além da distribuição de sêmen, será realizado registro genealógico de animais. A expectativa é a formação de rebanhos de maior produtividade leiteira.

VLI ADMINISTRARÁ TERMINAL

Valor da Logística Integrada (VLI), o braço logístico da Vale, administrará o Terminal Portuário do Mearim (TPM), projeto com investimentos da ordem de R\$ 4,5 bilhões que está sendo implantado no município de Bacabeira, a 60 quilômetros de São Luís. A VLI também vai gerir e operar a Ferrovia Centro-Atlântica (FCA); a ferrovia Norte-Sul; e o TUF (antigo terminal da Ultrafértil) expandido, instalado no Porto de Santos (SP). O TPM terá capacidade para 10 milhões de toneladas e calado de 16 metros e receberá cargas pela Ferrovia Norte-Sul (FNS) e Estrada de Ferro Carajás (EFC). Projeto inicial do TPM é do Grupo Aurizônia. Pelo novo porto deverão ser transportados minério de ferro, produtos siderúrgicos, fertilizantes e carga geral.

RANKING PORTUÁRIO

A Revista Exame publicou recentemente a lista dos 12 melhores portos públicos brasileiros, de um total de 34. O porto de Santos (SP), o maior da América Latina e detentor de 30% de todo o comércio exterior brasileiro, foi considerado também o melhor porto brasileiro. Foram levados em consideração critérios como; diversos levantamentos nas áreas de economia de inserção, acesso e ativos portuários, interconectividade marítima e disponibilidade de crescimento, assim como quantidade de carga movimentada e o potencial de crescimento. A lista segue com Itaguaí (RJ), Paranaguá (PR), Itajaí (SC), Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande (RS), Suape (PE), São Francisco do Sul (SC), Pecém (CE), Porto de Salvador (BA) e Porto de Manaus (AM).

EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO

A Agência Nacional de Petróleo (ANP) afirmou que a agência e o Ibama devem deixar de fora “um ou outro” bloco de exploração de petróleo da margem equatorial que seriam oferecidos na 11ª Rodada de Licitações. O leilão de concessões ainda não tem data definida para ser realizado. Os blocos que devem ficar de fora, segundo Magda, serão retirados devido a dificuldades para seu licenciamento ambiental. O leilão contempla 174 blocos exploratórios em terra e no mar. O destaque são os blocos localizados nas cinco bacias sedimentares que formam a chamada margem equatorial - bacias da Foz do Amazonas, Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar - que tem similaridades geológicas com o litoral africano onde foram descobertos grandes reservatórios de óleo.

LANÇAMENTO PARA 2014

A presidente Dilma Rousseff disse ao presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, que o Brasil está empenhando em fortalecer a cooperação espacial entre os dois países para garantir que o primeiro foguete do projeto Cyclone-4 seja lançado em 2014. O Brasil e a Ucrânia são sócios na empresa binacional Alcântara Cyclon Space (ACS), criada para operacionalizar a utilização do lançador de foguetes Cyclone-4 no Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão.



SEM LIMITE

O Maranhão subiu pela primeira vez ao pódio da Olimpíada do Conhecimento do Senai, o maior torneio de educação profissional das Américas. A sétima edição aconteceu em São Paulo e teve dois vencedores maranhenses: a aluna do Senai-MA, Marina de Pádua e o estudante de Serviço de Restaurante do Senac-MA, Aldo Alves Martins. Ambos levaram a medalha de bronze para casa colocando em destaque a qualidade dos cursos técnicos oferecidos pelas duas instituições no Maranhão. Marina de Pádua, 28, conquistou a medalha de bronze em Panificação para Pessoa com Deficiência. Ela tem síndrome de down e disputou com outros nove alunos na categoria. Além da medalha de bronze, Marina levou pra casa mais um troféu: o de melhor competidora do Maranhão na Olimpíada do Conhecimento. Os alunos do Senai conquistaram ainda três diplomas de excelência nas ocupações de Tecnologia da Informação, Design Gráfico e Aplicação de Revestimento Cerâmico.

“Fazer turismo no Brasil é muito caro”

Por Cíntia Machado

Os brasileiros estão descobrindo o país, viajando mais de carro e de avião e esse movimento, fruto do momento econômico, continuará pela próxima década retroalimentando a economia. No entanto, desbravar o Brasil ainda é mais caro que conhecer outros países. A opinião é do ministro de Turismo, Gastão Vieira. Em entrevista à Revista Maranhão Industrial, ele explica as medidas que o Governo Federal vem adotando para desonerar as folhas de pagamento das empresas do setor. Ele adiantou que será lançado um programa nacional com aporte de R\$ 1 bilhão para construção de aeroportos regionais, o que certamente contemplará o Maranhão. “Com certeza o turismo pode ser um importante vetor para o desenvolvimento econômico do Maranhão”, destacou.



Revista Maranhão Industrial – Quando o senhor recebeu o convite para assumir o Ministério do Turismo, no ano passado, revelou que queria aliar as ações da sua pasta ao Programa Brasil Sem Miséria. Que ações de fato o senhor conseguiu implementar nesse sentido e quais foram as dificuldades?

Gastão Vieira – O que está bombando no turismo brasileiro são as pessoas que estão viajando muito pelo Brasil. São brasileiros que, se não estão fazendo turismo especificamente, estão viajando muito de avião e de carro para visitar parentes. Isso significa uma melhoria na renda dos brasileiros, que aumentou. Por outro lado, o turismo é o que gera emprego mais rápido e a inclusão social mais consistente. Como isso não vai parar, acredito que nos próximos cinco ou 10 anos, nessa classe média continuaremos a ter o grande vetor do crescimento.

MI – *Uma pesquisa realizada pela empresa Escopo demonstrou que os brasileiros estão consumindo mais e vão continuar nesse ritmo pela próxima década. Além dos bens duráveis, as passagens de avião aparecem como um dos indicadores. Como o*

senhor analisa esses dados e o que mais pode ser feito para aproveitar o desejo do brasileiro em conhecer o próprio país?

GV – A classe média brasileira, a classe D, está viajando demais. Quem começa a viajar no país é quem ganha hoje entre zero e quatro salá-

“Quem começa a viajar no país é quem ganha hoje entre zero e quatro salários mínimos. E pretendem viajar mais.”

rios mínimos. Essas pessoas viajaram pelo menos uma vez e pretendem viajar mais. O motor da economia brasileira no que se refere ao turismo está exatamente nessas pessoas, que estão aproveitando as promoções nas companhias aéreas e de ônibus para fazer turismo, mas não no sentido clássico. Essas pessoas estão aproveitando, de certa forma, a melhoria na infraestrutura rodoviária. São pessoas que estão se aposentando mais cedo, nível de emprego no Brasil, que continua alto e que ao contrário da Europa, o brasileiro está mantendo o seu emprego. Tudo isso forma um

sentido muito positivo para o turismo.

MI – *O turismo interno está aumentando apenas em decorrência desses fatores que o senhor acabou de citar ou também é reflexo da crise internacional?*

GV – As duas coisas estão andando juntas. É claro que a Europa está mergulhada em uma imensa crise que demora a dar sinais de recuperação. Na última Cúpula Ibero-Americana, o primeiro-ministro espanhol chega a pedir que países como Brasil, Argentina e Uruguai invistam na Europa e isso é inédito. As nossas economias estão reagindo à crise de maneira bem diferente das europeias. Isso faz com que o fluxo de turista no Brasil fique muito forte e os gastos de turistas brasileiros no exterior continuem altos. Nós estamos entre os maiores gastadores do mundo: Rússia, Brasil e China, nesta ordem. Há uma diminuição, claro, de turistas estrangeiros e que nós precisamos entender melhor. De certa forma esta crise na Europa faz com que aqueles que tenham parentes no Brasil viagem menos para o Brasil ou estejam vindo para ficar porque a crise lá está muito forte, assim como a economia americana. O que está fazendo a diferença? Respondo que

é o mercado interno. Enquanto tivermos crédito, empréstimo consignado e pudermos ir ao exterior pagando em 10 vezes no cartão hotel e avião, sem juros, e viajando no Brasil nas mesmas condições, eu não vejo que as coisas se alterem no curto prazo.

MI – Algo que chama a atenção quando se trata de turismo interno e externo é que paga-se mais caro para viajar dentro do Brasil do que ir ao exterior. Qual a explicação para isso?

GV – Nós estamos perdendo o pudor de dizer que fazer turismo no Brasil é muito caro. Nós ainda praticamos preços muito altos. Recebi uma denúncia que ainda está sendo apurada de que uma passagem aérea entre Curitiba e Manaus chegou próximo a R\$ 8.000,00 mil. Estamos pagando em uma perna entre São Luís e Brasília, por exemplo, R\$ 2.500,00 e em determinado momento, em uma promoção, esse valor cai para R\$ 300,00. Com a proximidade do final de ano, na alta estação, isso dificilmente irá ocorrer. Vamos tentar conversar com os representantes das companhias aéreas para saber o que está acontecendo. Nós acabamos de desonerar a folha de pagamento das empresas aéreas. Algumas empresas tiveram economia de milhões

e isso deveria refletir no valor das passagens. Vamos tomar atitude. O Governo está atento. Esse é um setor altamente competitivo com inúmeras empresas atuando e sem concentração. Não estamos diante de nenhuma concentração econômica. Precisamos entender os fatores que fazem com que o turismo brasileiro seja tão caro. Da nossa parte estamos tentando aumentar a competitividade, desonerando a folha de pagamento dos

“Estamos muito longe de obtermos sucesso, uma luz no fim do túnel, para que o turismo brasileiro se torne mais barato e tão atrativo quanto ir para o exterior.”

hotéis, dando uma série de incentivos fiscais, trabalhando com os governadores para que eles diminuam o ICMS sobre os custos de operação sobre uma viagem de avião. Mas estamos muito longe de obtermos sucesso, uma luz no fim do túnel, para que o turismo brasileiro se torne mais barato e tão atrativo quanto ir para o exterior. Hoje

para um resort no Caribe, por exemplo, é mais barato do que ir para o litoral do Nordeste brasileiro.

MI – O que é uma pena para a economia brasileira, em especial a do Nordeste....

GV – É uma pena porque nós temos um turismo de sol e praia muito forte. Apenas para citar, nós temos 10 voos saindo de Lisboa para diversos pontos do Nordeste, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, mas não estamos trazendo esse turista mesmo em tempo de crise. República Dominicana, Punta Cana, Colômbia, Peru e vários outros países conseguem praticar preços mais competitivos do que o Brasil.

MI – A pesquisa “Demanda Internacional no Brasil” dá conta de que o país é bem avaliado em vários itens, como hospitalidade, transporte e até segurança pública. No entanto, itens como preços e sinalização são considerados problemáticos. Levando em conta que a maioria quer retornar, o que fazer para melhorar o padrão da prestação de serviços nessa área?

GV – Se tirarmos o item ‘custo’, não há grandes reclamações. Exceto por essa situação que está acontecendo agora em São Paulo, de violência, precisamos medir como isso

está afetando a percepção do turista lá fora. Pelo contrário, cada vez, cresce a demanda de turistas querendo subir os morros e conhecer as unidades pacificadoras, a exemplo do teleférico do Alemão. Os turistas avaliam bem os serviços. Fora os custos, não há percepção de que o Brasil não é um bom destino em razão de segurança e mobilidade. Mesmo os aeroportos cheios, as coisas continuam acontecendo e estamos trabalhando firmemente para isso.

MI – No que se refere aos aeroportos, o senhor acredita que o Brasil estará preparado para os grandes eventos esportivos que estão previstos?

GV – É claro que sim. As nossas arenas que estão com obras atrasadas vão chegar no prazo e estão tendo tratamento especial do Governo. Novas concessões dos aeroportos estão sendo feitas. Vamos ter uma transição política e em algumas cidades-sede da Copa não há entendimento entre oposição e governo locais. É preciso que nossos parceiros compreendam isso. Vamos buscar o alinhamento. Um pouco do problema está na interlocução com as cidades-sede.

MI – Qual o status dos projetos de aeroportos de pequeno porte em cidades

como Barreirinhas e Carolina, no Maranhão, e como isso pode contribuir para o turismo no estado?

GV – Há um programa a ser lançado pela presidente Dilma. Os aeroportos regionais trazem a possibilidade de linhas aéreas regionais e de voos charters. Fizemos aqui no Ministério indicação de 56

“Com certeza o turismo pode ser um importante vetor para o desenvolvimento econômico do Maranhão, mas é preciso planejamento.”

possibilidades de aeroportos eminentemente turísticos, atraindo empresas para linhas regionais. Existem recursos da ordem de R\$ 1 bilhão a serem utilizados nesses aeroportos.

MI – O Maranhão ainda tem uma indústria pouco desenvolvida. Diante das belezas naturais e das manifestações culturais do estado, o senhor acredita que a indústria do turismo pode ser um motor importante

para o desenvolvimento do estado? De que forma?

GV – Com certeza o turismo pode ser um importante vetor para o desenvolvimento econômico do Maranhão. Para o estado e municípios desenvolverem o potencial turístico que é nato da região, é preciso planejamento. Tenho recebido alguns prefeitos eleitos e incentivado a criação de planos estratégicos para estimular e organizar o crescimento e qualificação do setor. Temos apoiado com recursos do Ministério do Turismo a elaboração de projetos executivos. Os prefeitos devem estar atentos para essas oportunidades. Qualificação de mão de obra também é fundamental para ampliarmos o ganho do Maranhão com o turismo. Os visitantes precisam ser bem tratados para quererem voltar. O Ministério do Turismo abriu o Pronatec Copa, com cursos em diversas áreas do setor. Oferecemos desde cursos de idiomas até opções de treinamentos técnicos. Só no Maranhão registramos 4.924 pré-matrículas. Esse conjunto de medidas, aliado às obras de infraestrutura que temos apoiado, aumentam a competitividade dos destinos turísticos maranhenses e podem amplificar a geração de empregos e renda. Essa é a vocação do turismo. ■

EU FAÇO

O FUTURO DO BRASIL



Francisco Andrade Filho - SENAI
Diploma de Excelência em TI/Pessoa com Deficiência



Marina de Pádua Nascimento - SENAI
Medalha de Bronze em Panificação/Pessoa com Deficiência
Troféu de melhor competidora do Maranhão

Aldo Alves Martins - SENAC
Medalha de Bronze em Serviço de Restaurante



Joniel Silva da Costa - SENAI
Diploma de Excelência em Revestimento Cerâmico



Diego Alcindo Fróz Freitas - SENAI
Diploma de Excelência em Web Design



Isaac Franco Araújo - SENAI
Vencedor do Desafio de Ideias



Marcos Cruz Costa e José Leodoro Sales Jr. - SENAI
Destakes na Mostra Inova Senai

SENAI MARANHÃO: SALTO DE QUALIDADE E DESEMPENHO NA MAIOR COMPETIÇÃO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DAS AMÉRICAS.

O Maranhão conquistou o melhor resultado na Olimpíada do Conhecimento do SENAI desde sua primeira participação em 2001. Promovido pelo Sistema Indústria, o torneio reúne os melhores estudantes de cursos técnicos e formação profissional do SENAI e do SENAC do Brasil.

Nossos jovens orgulhos trouxeram para o estado **duas medalhas de bronze, um troféu de melhor competidor e três diplomas de excelência**, mostrando o potencial do ensino técnico no Maranhão.

Os maranhenses também foram destaque nos torneios paralelos à Olimpíada do Conhecimento. Na **Mostra Inova Senai**, os projetos **Queijo Frescal com Polpa de Juçara e Plastiflex - Uma Alternativa Sustentável para Revestimento de Pisos e Paredes**, revelaram conceitos inovadores em gestão e tecnologia,

alinhados aos interesses e necessidades da indústria brasileira. Para fechar com chave de ouro as participações no torneio, o SENAI Maranhão integrou a equipe vencedora do **Desafio de Ideias**, prova que desafiou os estudantes a criarem soluções inovadoras para tarefas propostas por empresas.

Esses são os primeiros frutos do **Programa de Desenvolvimento e Evolução do Sistema FIEMA**, que prevê, para até 2014, investimentos no SESI, SENAI, IEL e Federação superiores a R\$ 67 milhões para a melhoria da infraestrutura física, aquisição de equipamentos, investimentos em recursos humanos, tecnológicos e ferramentas de gestão.

Mais que o resultado de uma competição, o SENAI tem orgulho de oferecer excelência em educação profissional e competitividade à indústria do Maranhão.



EU FAÇO SENAI

FIEMA SENAI



Gás para a indústria

Nova fonte de energia deverá servir de insumo para a indústria minero-metalúrgica, barateando os custos com energia elétrica.

Consumo de energia elétrica no Maranhão caiu 11,4 % este ano, até outubro, segundo dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) publicados na Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica. A indústria mínero metalúrgica, especialmente a produção de alumínio, foi a que mais sofreu os impactos da crise financeira internacional. A partir desses resultados, estima-se em 3,3% o crescimento do consumo de energia elétrica no ano de

2012, abaixo do que havia sido divulgado. Economistas apontam o gás como uma saída para impulsionar a indústria maranhense.

Esses números são reflexo da falta de competitividade da indústria brasileira frente a outros países e sinalizam que dificilmente ocorrerão expansões significativas da capacidade instalada para produção de alumínio primário no país devido ao custo da energia elétrica. O subsistema norte, integrado pelos estados do



maranhense

Maranhão e Pará, é um exemplo disso.

De acordo com dados da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL) a produção nacional de alumínio primário foi de 120 mil toneladas em outubro, 3,6% inferior à registrada no mesmo período do ano passado, apesar de apresentar um pequeno aumento de 0,9% no acumulado do ano. No Maranhão, a produção da Alcoa teve variação de outubro foi de 12,7% negativo e nos 10 primeiros meses de 2012 em comparação a 2011, a variação negativa foi de 7,5%. Já a BHP Billinton teve queda em outubro de 3,8% e na variação do ano, comparado com 2011, de 8,0% negativos.

Gás natural - Uma boa notícia para o setor no Maranhão são os projetos que alteram a matriz energética do estado, com o leilão de energia A-5 visando suprir a demanda projetada das empresas distribuidoras para 2017. De um total de 525 projetos habilitados tecnicamente para participar da licitação, do Maranhão dois são de térmicas a gás, com 368 MW de potência e 22 são de energia eólica, com 634 MW. A capacidade instalada total no país será de 14.181 megawatts (MW). O leilão inclui ainda centrais hidrelétricas e termelétricas movidas a biomassa.

Os dois projetos de energia a gás apresentados são da MPX. A empresa MPX espera colocar em operação, em fase de

testes, até o fim do ano, a primeira etapa do complexo termelétrico a gás natural do Parnaíba, no Maranhão, de 676 MW, já com empréstimo garantido do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de R\$ 887,5 milhões. Outros R\$ 900 milhões deverão ser captados para a termelétrica Parnaíba II, também no estado. A capacidade será de 517 megawatts.

Outros projetos e empreendimentos, como o Parque Eólico Bioenergy, com capacidade para gerar 1.400 MW de potência, e a UTE MPX Itaqui, com potência para 360 MW, respectivamente, ajudarão o estado a atingir a capacidade futura de geração de energia de 7.571 MW somados a outros projetos como Gera I e II e as hidrelétricas de Marabá e Serra Quebrada. Para o economista Felipe de Holanda, a produção de gás no estado vai ajudar a impulsionar a indústria local, a exemplo do que já ocorre com outros parques industriais. “O gás deverá ser usado como insumo industrial”, resumiu Holanda.

Maior atratividade - Visando tornar o Maranhão mais atrativo para novos negócios industriais e atender a demanda residencial reprimida, a Cemar realizou investimentos de mais de R\$ 500 milhões na expansão e

modernização do sistema elétrico do estado. Nos últimos oito anos, foram investidos R\$ 2,8 bilhões.

Segundo explicou o diretor de Distribuição da empresa, Chrysthyan Almeida, os investimentos melhoram a qualidade do atendimento para a região e irão possibilitar o atendimento aos projetos agroindustriais, promissores na localidade. Até janeiro de 2013, a empresa irá construir e energizar o maior conjunto de obras da sua história, com quatro novas subestações em São Luís. Cidades como Imperatriz, Senador La Roque e Governador Nunes Freire também receberam investimentos.

Apenas este ano, foram construídas 12 novas subestações, outras 9 foram ampliadas, construídos 566 km de linhas de transmissão, 49 novos alimentadores, 695 quilômetros de redes de distribuição de média tensão e 595 quilômetros de redes de baixa tensão. “Isso assegura as condições necessárias para expandirmos o sistema e atendermos a demanda reprimida em diversas áreas do nosso estado”, sintetizou Almeida, acrescentando que as obras do Programa Luz para Todos, que já atenderam a mais de 300 mil famílias, beneficiarão mais de 1,5 milhão de pessoas nos 217 municípios maranhenses. ■



Produção Brasileira de Alumínio Primário

Unidade: 1000 t

Empresas	2011		2012		Variação 2012/2011 (%)	
	Outubro	Jan-Out	Outubro	Jan-Out	Outubro	Jan-Out
Albras (PA)	38,7	382,5	37,4	375,3	-3,4	-1,9
Alcoa	30,2	292,3	27,3	275,3	-9,6	-5,8
Poços de Caldas (MG)	7,4	73,1	7,4	72,6	-	-0,7
São Luís (MA)	22,8	219,2	19,9	202,7	-12,7	-7,5
BHP Billiton (MA)	15,2	146,7	13,1	134,9	-13,8	-8,0
Novelis (MG)	3,6	39,6	4,0	39,0	11,1	-1,5
Votorantim Metais – CBA (SP)	36,8	334,7	38,2	381,5	3,8	14,0
Total	124,5	1.195,8	120,0	1.206,0	-3,6	0,9

Fonte: Produtores Primários



TEGRAM

TERMINAL DE GRÃOS DO MARANHÃO



A nova rota do agronegócio nacional

O Terminal de Grãos do Maranhão, em construção, mudará a lógica do escoamento do agronegócio nacional do Sul para o Nordeste do país, garantindo aos produtores da área de influência do porto do Itaqui (Mato Grosso, Tocantins, Piauí e Bahia) preços mais competitivos. Com capacidade para até 10 milhões de toneladas por ano e funcionamento a partir de 2013, o Tegram é uma conquista do país.

A parceria público-privada bem-sucedida da Empresa Maranhense de Administração Portuária e o Consórcio Tegram, formado por empresas nacionais e multinacionais com investimentos da ordem de R\$ 500 milhões, colocará o Itaqui definitivamente entre os maiores portos exportadores de grãos do Brasil.



DISPOSIÇÃO PARA COMPRAR

Como a indústria maranhense poderá se beneficiar da sede e fome de consumo que coloca algumas cidades do estado no topo da lista das que irão consumir mais nos próximos 10 anos no Brasil?

Pesquisas apontam o crescimento do consumo em cidades maranhenses da região metropolitana, como Paço do Lumiar e São José de Ribamar, e do interior, como Timon, entre as vinte que mais contribuirão percentualmente para que o mercado consumidor brasileiro salte dos atuais R\$ 2,3 trilhões para R\$ 3,5 trilhões nos próximos 10 anos. Para os economistas, apesar de o impacto dessa revolução ser maior nos setores de Comércio e Serviços, as indústrias da Construção Civil, Alimentos e Bebidas e Química são algumas que podem pegar carona nessa onda.

Um sinal claro da ampliação do consumo é a instalação recente de mais um shopping center em São Luís, a construção de um terceiro em Bacabal, interior do estado, e a expansão de um quarto também na capital e que deverá dobrar de tamanho com investimentos da

ordem de R\$ 100 milhões. Neste último, o fluxo de 30 mil pessoas diariamente deverá ser incrementado com a chegada de lojas do porte da Casas Bahia, líder de vendas no varejo que conta com campanhas de marketing bastante agressivas e que há alguns anos já sonda o mercado maranhense, inclusive com presença garantida nos comerciais de TV. A marca já possui quase 60 anos na estrada e 56 mil colaboradores, está presente em 13 estados, sendo no Nordeste na Bahia, Sergipe e Ceará.

Um quarto empreendimento, um shopping de alto padrão, está previsto para inaugurar em abril de 2015. A expectativa da São Luís Malls para o Golden Shopping Calhau é investir R\$ 200 milhões na construção do empreendimento que deverá gerar 400 empregos diretos e 600 indiretos na fase





de obras. Após a inauguração, deverão ser criados 2.500 novos postos de trabalho. O faturamento, segundo informou a assessoria de imprensa da empresa, deverá chegar a R\$ 240 milhões já no primeiro ano com a atração de 30 a 35 mil pessoas diariamente. Apenas em empreendimentos do ramo, segundo dados da Secretaria de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Maranhão (Sedinc), serão R\$ 730 milhões.

Voracidade - Dados como esse corroboram com as pesquisas de consumo de eletrodomésticos, eletrônicos e passagens aéreas, mas também dão conta das oportunidades

para as indústrias locais. Segundo pesquisa da norte-americana McKinsey e informações da empresa de geomarketing Escopo, divulgadas no segundo semestre pela revista Exame em reportagem intitulada “O novo mapa do consumo”, são nordestinos os estados brasileiros que mais deverão crescer até 2020: Pernambuco (193%), Alagoas (186%), Piauí (186%), Paraíba (179%), Maranhão (171%) e Ceará (169%). Dos gastos com moradia às compras de supermercado, os números sinalizam que as pessoas estão comprando mais e que o consumo vai continuar crescendo.

NOVOS DISTRITOS INDUSTRIAIS EM ESTUDO

Economistas apontam que atividades de inclusão produtiva, articuladas com a implantação de distritos industriais estratégicos, fortalecimento da produção agroalimentar e criação de infraestrutura urbana (obras de saneamento básico e mobilidade urbana, por exemplo) são algumas das formas de sustentar o nível de emprego na Construção Civil para a indústria local se desenvolver. ‘É preciso apostar no adensamento dessas cadeias produtivas’, frisou Felipe de Holanda.

Em 2010, o Produto Interno Bruto (PIB) do Maranhão foi de R\$ 45,2 bilhões, uma variação de 8,7%. Foi o segundo melhor desempenho do Nordeste e o 12º do país. A indústria contribuiu com 15,7% do valor total

do PIB. O Programa de Incentivo às Atividades Industriais no Maranhão (Promaranhão) podem ajudar a melhorar o desempenho da indústria e da agroindústria locais.

O programa dispensa o pagamento de 75% do saldo devedor do ICMS por até 20 anos. Vinte e quatro empresas foram contempladas entre 2010 e 2012 com investimentos de R\$ 7 bilhões. O Promaranhão, entre outros benefícios, contempla empresas que estejam implantando, atividade pioneira ou ampliando, relocando e reativando empreendimentos. Para isso está sendo estudada a implantação de 12 novos distritos industriais no estado, um está sendo implantado e outros sete já estão implantados.

A Escopo calculou que o mercado de automóveis, máquinas de lavar, celulares, televisores, computadores, geladeiras, fogões e a compra de passagens aéreas está em ascensão. O Norte maranhense aparece como o primeiro da lista de aumento no número de veículos. Serão mais de 52 mil unidades de veículos de passeio e mais de 30 mil unidades comerciais leves. Uma alavancada de 8,04% no total. Para os demais itens, os municípios maranhenses se mantêm entre os 25 que mais irão crescer no consumo no país.

Para o economista Felipe de Holanda, o mercado consumidor cresceu muito e está ansioso por continuar aumentando de tamanho. ‘Novos insumos para a indústria, como o gás, programas governamentais e incentivos como o Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ver box) podem ajudar a indústria local a aproveitar esse momento’. Holanda acrescenta que novas ou atuais indústrias localizadas no estado podem suprir parte desse mercado consumidor crescente, mas saindo de uma base difícil, com pouca diversificação e problemas com mão de obra. ‘É preciso analisar onde já existe uma vantagem comparativa, já que a indústria maranhense na última década se desenvolveu de maneira pontual, concentrada

na Construção Civil, alumínio e mineração.

Tanta fome e sede de consumo do maranhense explicam em grande parte o investimento de R\$ 144 milhões que a Ambev realizou em sua unidade no Maranhão. A Fábrica Equatorial foi duplicada e ganhou um novo Centro de Distribuição Direta (CDD) este ano. Com a ampliação, a produção da companhia no estado passou para 3,7 milhões de hectolitros de bebida por ano, um aumento de aproximadamente 100%. O novo CDD tem capacidade para armazenar e distribuir 1,6 milhões de hectolitros de bebida por ano.

Com o investimento, a unidade maranhense recebeu uma nova linha de produção e está apta a envasar cerveja na embalagem de 1 litro – além dos formatos já produzidos em garrafa de vidro 600 ml, lata de 350 ml e barril de 30 e 50 litros chopp. Também foram construídas novas instalações para as áreas de fermentação, brassagem e filtragem para a cervejaria que abastece os mercados do Maranhão, Pará, Piauí e Amapá. O setor de bebidas frias representa quase 3% do PIB brasileiro e gera, somente no estado do Maranhão, R\$ 110 milhões em valor agregado por ano, além de gerar R\$ 40 milhões em salários anualmente. ■

GRÁFICOS

As cidades de regiões metropolitanas onde o consumo mais cresce (em %, ao ano)

Paço do Lumiar (MA)	Ribeirão das Neves (MG)	Timon (MA)
São José de Ribamar (MA)	São Lourenço da mata (PE)	

As cidades do interior onde o consumo mais cresce (em %, ao ano)

Rio das Ostras (RJ)	Parauapebas (PA)	Juazeiro do Norte
Itapipoca (CE)	Codó (MA)	

Clima afeta a pecuária maranhense



Estiagem no Maranhão é considerada a pior dos últimos 10 anos e já prejudica criação de bovinos e tem impacto no preço da carne

Por Suzana Beckman

Este não foi um ano bom para o pecuarista Ribamar Freitas, que cria gado na região de Santa Inês. “Não tinha pasto, o animal não ganhou peso, daí o preço despencou”, explicou ele. Também não foi bom para quem vive no Maranhão e precisa pôr carne na mesa: ela está 18% mais cara em relação ao mesmo período do ano passado. Segundo o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

(Imesc), o preço é o mais alto desde setembro de 2009, quando as pesquisas dos itens da cesta básica começaram a ser feitas. Tanto para Ribamar quanto para o Imesc, a explicação para esses problemas é uma só: a estiagem que já dura muitos meses e é, na avaliação da Defesa Civil Estadual, a mais intensa dos últimos dez anos.

Segundo a Pesquisa do Abate de Animais, realizada trimestralmente pelo Instituto



Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Maranhão não registrou diminuição no número de bovinos abatidos em 2012. Ao contrário, houve até ligeira alta: de 4,3% no primeiro trimestre e de 1,8% no segundo, ambos em comparação com o mesmo período de 2011. Esse comportamento foi diferente da média nacional (alta de 1,6% no primeiro trimestre e de 7,9% no segundo).

No segundo trimestre de 2011, entre os estados do Nordeste que registraram aumento de peso na carcaça bovina, o Maranhão foi o que registrou a menor alta: apenas 0,8% entre os anos de 2011 e 2012, atrás de Piauí (7%), Rio Grande do Norte (8,2%), Sergipe (12,6%) e Paraíba (25,4%) – os demais estados do Nordeste tiveram diminuição no peso da carcaça. Esse aumento de peso tímido do gado maranhense é o que justifica, para o Imesc, o crescimento do número de abates. “Não é que a pecuária do Maranhão tenha tido um ano bom. O que aconteceu foi que como o gado não engordou o tanto que se esperava, o pecuarista é obrigado a matar mais bois para fornecer aquela mesma quantidade de carne”, analisou Dionatan Silva Carvalho, chefe do departamento de Contas Regionais e Finanças Públicas do Imesc. A carne de segunda, que é o item pesquisado pelo Imesc para analisar as variações da cesta básica, custava em outubro deste ano R\$ 44,85 por quilo. Para se ter uma ideia, o valor mais baixo já registrado foi em dezembro de 2009: R\$ 33,85.

A Agência Estadual de Defesa Agropecuária do Maranhão (Aged) compartilha

da visão do Imesc. Segundo o diretor geral da agência, Fernando Mendonça Lima, o Maranhão continua a ser autossuficiente na produção de carne. Ainda assim, os impactos da estiagem nos abates são notórios. “Os grandes empresários têm como complementar a alimentação do gado com ração suplementar quando a pastagem seca. A pecuária familiar é que mais sofre. O gado desses pequenos criadores sofreu grande perda de peso, o que inviabiliza o abate, e em alguns casos até morreu por inanição”, explica Lima. Mesmo no caso dos grandes produtores, o suplemento de ração, que é mais caro que o pasto natural, inevitavelmente se reflete no preço do produto para o consumidor.

Perdas - Ribamar Freitas conta que quase a totalidade dos pecuaristas do Maranhão cria o gado de forma extensiva, isto é, solto no campo. Pouquíssimos produtores recorrem ao confinamento do animal. Assim, quando a pastagem e os açudes secam mais cedo do que o previsto, falta comida para o gado. E o prejuízo para os criadores é quase certo. “Geralmente, chove bem no primeiro semestre do ano, mas não no segundo. Então, a pastagem começa a secar lá por outubro ou novembro, o que não é um problema porque em dezembro já começa a chover de novo. Mas esse ano não choveu quase nada e em agosto não tinha mais pasto. Até os açudes secaram”, conta ele.

A fome, porém, não é o único perigo para o gado maranhense. Segundo o presidente da Associação dos Criadores do Estado do Maranhão (Ascem), José Assub, o número de incêndios nas fazendas resultante da seca

prolongada também fez com que a situação se agravasse. Com um aumento de mais de 300% nos focos de queimadas no interior do estado, o Maranhão atualmente é o líder desse ranking em todo o país. “Além de morrer de inanição, agora o gado está morrendo queimado”, diz ele. Mesmo com as fazendas instalando brigadas de incêndio para coibir os focos, há perdas tanto para o gado quanto para a estrutura física do local onde o gado fica. Ou então é preciso que o produtor leve o gado para outro lugar. “E até esses reparos e esse deslocamento vão para o preço final da carne, para compensar o prejuízo”, explica ele.

Tanto para a Ascem quanto para o Imesc, porém, há boas notícias no próximo ano. Para o Imesc, a tendência é que o número de abates se estabilize e o preço final da carne bovina volte a cair. Para a Ascem, até mesmo o ano ruim para o segmento pode se refletir em boas iniciativas que garantam minimizar os prejuízos no futuro. “É num momento de crise que surgem grandes ideias. Há alguns anos, ninguém imaginaria ter uma brigada de incêndio numa fazenda, por exemplo. Foi uma estratégia de prevenção adotada por muitos fazendeiros e que tem ajudado muito. Assim como essa, outras boas iniciativas deverão surgir”, prevê. ■

Abates bovinos no MA*

1º trimestre

Bovinos abatidos

2011: 163. 729

2012: 170. 800 (alta de 4,3%)

2º trimestre

Bovinos abatidos

2011: 161.521

2012: 164.481 (alta de 1,8%)

Peso acumulado das carcaças

2011: 37.513 toneladas

2012: 40.052 toneladas (alta de 6,8%)

Peso acumulado das carcaças

2011: 38.178 toneladas

2012: 38.486 toneladas (alta de 0,8%)



Sistema Indústria investe em qualificação

O Sistema Fiema se prepara para qualificar empresariado e trabalhadores para as mudanças no cenário econômico do estado

Por Suzana Beckman

Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), Edilson Baldez das Neves, três fatores são imprescindíveis para garantir que um megaprojeto se torne competitivo: é preciso ter um grande parque energético, boa estrutura logística e mão de obra qualificada. “Nós já temos dois de três. O desafio agora é fazer com que a mão de obra, que atende apenas a demanda atual, esteja pronta para trabalhar nos grandes empreendimentos que o estado deve receber nos próximos anos”, avaliou Baldez.

Formado pela Federação, Sesi, Senai e IEL, o Sistema Fiema tem para a próxima década várias metas audaciosas: uma delas, por exemplo, é chegar a 28 milhões de alunos/hora no Senai até o ano de 2020 – quase o triplo do registrado em 2012 (10 milhões de alunos/hora). Para garantir que esses objetivos sejam alcançados é que nasceu o Programa de Desenvolvimento e Evolução do Sistema Fiema: um plano de ações estratégicas para os anos de 2012 e 2014, visando aumentar a integração das casas do Sistema Fiema e expandir a sua atuação.

O Programa prevê investimentos de mais de R\$ 67 milhões até o final de 2014, distribuídos em melhoria de infraestrutura física, equipamentos, recursos humanos e novas tecnologias. O objetivo, segundo Baldez, é preparar o Sistema Fiema para atender às novas demandas que virão com o crescimento projetado para o Maranhão até o ano de 2016, quando grandes projetos industriais, somados, deverão investir até R\$ 100 bilhões no estado,



com consequente aumento na geração de emprego.

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) confirmam essa tendência. Em 2010, o estoque de empregos formais nas indústrias do Maranhão era de 133,6 mil pessoas, número que pode subir para até 258,5 mil até 2020 – crescimento de mais de 150% em dez anos. “Até então, o nosso parque industrial era pequeno e o que fazíamos conseguia suprir a demanda. Mas hoje o Nordeste cresce mais do que o Brasil e o Maranhão cresce mais do que o Nordeste”, disse Baldez.

Investimentos - “A primeira coisa que fizemos foi um estudo de cenário, apontando as perspectivas para o desenvolvimento do Maranhão daqui até 2020”, explica o superintendente corporativo do Sistema Fiema, José de Jesus Azzolini. Foram detectadas as áreas do estado que devem se desenvolver mais na próxima década, quais os atrativos e desafios



e qual deve ser a demanda por mão de obra.

O mapeamento identificou, entre outras tendências, que o desenvolvimento do Maranhão deve se dar principalmente nas regiões Norte e Sudoeste do Estado – isto é, na capital e municípios próximos e na região das cidades de Imperatriz e Açailândia. Construção Civil, Química, Alimentos e Bebidas, Mineral Não-Metálico, Extrativa Mineral, Papel e Gráfica e Metalurgia, áreas que o estudo aponta como maiores geradoras de empregos na indústria nos próximos anos, foram classificadas como prioritárias. A ideia é que elas passem

a responder por pelo menos 80% dos cursos oferecidos pelo Senai.

Nem só de novidades atreladas a grandes empreendimentos, porém, se faz o Programa de Desenvolvimento e Evolução do Sistema Fiema. Segundo o superintendente da Fiema, e IEL e diretor regional do Senai, Marco Antônio Moura, uma premissa importantíssima do programa é de que as entidades do sistema possam se integrar, e que a imagem passada para as indústrias seja do “sistema” como um todo, e não de atuação isolada de alguma das quatro casas. Isso será conseguido pela criação e instituição de um núcleo de atendimento corporativo, já em andamento. “Vamos oferecer os produtos da Federação, Sesi, Senai e IEL de forma casada, fazendo com que a atuação de uma entidade complemente a da outra”, explica.

Ampliação - Só no Senai – que hoje já responde por mais de um terço do ensino profissionalizante no estado – os investimentos são da ordem de R\$ 50 milhões, que serão aplicados em aquisição de equipamentos, construção de novas unidades de educação profissional, ampliação do atendimento a estudantes e modernização da infraestrutura física e tecnológica das unidades existentes. “A partir de 2015, teremos uma estrutura mais robusta, o que nos permitirá atingir as metas”, avalia Marco Moura.

Além de pequenas adequações e otimização da estrutura de todas as unidades do Senai, a aposta é na educação à distância e em projetos com parceiros como a Universidade Estadual do Maranhão (Uema) e a Universidade Virtual do Maranhão (Univima). Além disso, um projeto do BNDES que agrupa o Senai Maranhão, a entidade nacional e vários departamentos regionais vai permitir a construção de quatro centros físicos e quatro unidades móveis no estado – Automação, Solda, Construção Civil e Eletroeletrônica. Das unidades fixas, serão duas em São Luís, uma em Rosário e uma em Açailândia – esta última já em fase de licitação e com previsão de entrega para o final do ano que vem. Já em Rosário e



INVESTIMENTOS ATÉ 2020

Senai

2012: 10 milhões alunos/hora

2020: 28 milhões alunos/hora

Sesi

2012: 100 mil atendimentos/ ano

2020: 570 mil atendimentos/ano

IEL

2012: 1200 matrículas/ano

2020: 3000 matrículas/ ano

São Luís, a previsão é para o final de 2014.

Enquanto a unidade de Rosário não fica pronta, uma parceria com a Prefeitura daquele município possibilitou a reforma de uma antiga rodoviária que, com apoio das unidades móveis, vai funcionar como espaço para os cursos. Das duas unidades a serem construídas em São Luís, uma será o Instituto Senai de Tecnologia. Focado no âmbito técnico e tecnológico, o instituto deverá atender demandas da indústria da Construção Civil, Metalurgia e Meio Ambiente.

Gestores - Outras metas incluídas no plano dizem respeito a um público diferente do contemplado pelo Senai. “Ele qualifica os trabalhadores da indústria, enquanto o IEL capacita os empresários, gestores e executivos”, explica Moura. Já em 2013, o IEL prevê a abertura de um posto avançado de atendimento na ilha de São Luís e mais uma sede em Imperatriz.

A meta é mais que dobrar o número de matrículas por ano, passando das atuais 1200 para mais de três mil em 2020. A carga horária dos cursos também vai subir, passando de 15 para pelo menos 40 horas. Outra meta diz respeito aos estagiários da indústria: se hoje eles respondem por apenas 15% dos futuros profissionais cadastrados no Instituto, em 2020 eles deverão representar quase um terço.

Para o Sesi, por sua vez, o Programa de Desenvolvimento e Evolução do Sistema



Fiema prevê um investimento de R\$ 5 milhões na expansão de sua rede de ensino e de seus equipamentos de qualidade de vida. Está prevista a reforma do Sesi Clube Araçagi e das escolas Anna Adelaide Belo e Lara Ribas, além da aquisição de nove unidades móveis: três de saúde ocupacional, três de odontologia e três de exames complementares. Em 2012, foram pouco mais de 100 mil pessoas atendidas pela entidade. Em 2020, a perspectiva é que esse número chegue a 570 mil – crescimento de impressionantes 450%.

Entretanto, a mudança mais sentida na rotina dos colaboradores das quatro casas do Sistema Fiema não diz respeito ao aumento da demanda por cursos ou à reforma de unidades de ensino. “Há alguns anos, as casas eram independentes e hoje todas as atividades meio estão inter-relacionadas”, explica o superintendente corporativo do Sistema Fiema, José de Jesus Azzolini. Na prática, isso quer dizer que Federação, Sesi, Senai e IEL não terão cada uma um departamento independente Financeiro ou de Recursos Humanos, como ocorre hoje em algumas empresas, por exemplo, mas setores cada vez mais integrados, que respondem dentro de suas competências pelas quatro casas. As vantagens, segundo Azzolini, são a redução de custos, maior controle e efetividade nos processos e, principalmente, agilidade. ■

EXEMPLO PARA O BRASIL

Ainda como parte das mudanças previstas pelo Programa, o Maranhão virou projeto-piloto para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), que já iniciou na Fiema os trabalhos para a implantação do Sistema Integrado de Gestão Empresarial ERP. Segundo o diretor corporativo da CNI, Fernando Trivellato, o sistema vai aprimorar todo o trabalho desenvolvido pela Federação atualmente, permitindo obter dados mais precisos e em tempo real. “Isso vai permitir aos gestores tomar decisões com mais rapidez e segurança”, garantiu Trivellato.

O objetivo é ter uma ferramenta de padronização de processo de trabalho adequado à realidade do Maranhão, para integrar todos os dados e processos da Fiema em um único sistema, garantindo mais agilidade e segurança nos seus processos internos e permitir a adoção de melhores práticas, visando garantir ganhos de produtividade e resultados mais efetivos no apoio ao desenvolvimento industrial maranhense. A implantação do sistema se dará em três etapas.

Para Edilson Baldez, é a certeza de que até 2020 o Maranhão terá, de fato, todas as três qualidades que fazem de uma área um local convidativo para investimentos. “Tudo isso que estamos fazendo visa atender a indústria nas suas necessidades, tornando-a cada vez mais forte e eficiente”, disse.

Maranhão liga o Brasil ao Mercosul

Linhas regulares de contêiner via cabotagem são uma opção de transporte para as indústrias locais

Apesar de todas as vantagens competitivas, por que a cabotagem – o transporte marítimo entre portos de um mesmo país – não consegue se sobressair em relação ao sistema rodoviário, que se mostra inseguro, com frete mais caro e maior dano ao meio ambiente? Parte da resposta pode ser a falta de cultura das empresas e as poucas alternativas em relação a outros meios de transporte. Com a criação de três linhas regulares de contêiner no Porto do Itaqui, em São Luís, sendo duas de longo curso e uma de cabotagem, o empresariado local ganha novas possibilidades não apenas para importar insumos mas também para distribuir melhor o que produz.

De acordo com a Federação Nacional das Empresas de Navegação Marítima, Fluvial, Lacustre e de Tráfego Portuário (Fenavega), atualmente a opção pela cabotagem ocorre mais por falta de condições e insegurança das estradas do que por eficiência do setor marítimo. Isso ocorre mesmo com todas as vantagens comparativas em relação ao transporte rodoviário apontadas pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT): custo mais baixo (frete 10% menor), segurança, integridade da carga, confiabilidade dos prazos e menor

consumo de combustível, consequentemente menor impacto na emissão de gases poluentes, já que percorrem menores distâncias que o transporte rodoviário.

Mesmo com essas vantagens, a ampliação dos serviços de cabotagem no país exige melhoria na infraestrutura portuária, criação de terminais de contêineres, o aumento da capacidade da frota de navios e combustível mais barato. Hoje o combustível utilizado na cabotagem é 17% mais caro se comparado com aquele usado na navegação de longo curso, aquela realizada entre portos de diferentes países.

Segundo estudo da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), alguns fatores são inibidores para o crescimento da cabotagem. Um deles é a oferta isolada do modal, sem integração com outros tipos de transporte. Para se ter ideia, 4,7% do transporte do país são realizados apenas por cabotagem; 52,4% são feitos por transporte rodoviário e via cabotagem e 18,8% por via ferroviária e cabotagem. Além disso, a Agência assegura que o tempo de operação e liberação da carga é considerado alto.



Na Pesquisa Aquaviária – Portos Marítimos: Longo Curso e Cabotagem 2006, realizada pela CNT, a cabotagem tem predominância de granéis líquidos e sólidos, com grandes volumes e baixo valor agregado. O estudo aponta que a regularidade do serviço, confiabilidade, frequência e fretes compatíveis com as cargas e o mercado, assim como o nível do serviço, é que irão tornar a cabotagem viável.

Matriz de transporte - O Maranhão participa com 3,10% do transporte de cabotagem no país, que teve uma pequena evolução de 1,96% de 2010 para 2011, saltando de 130,7 milhões de toneladas para 133,2 milhões. O estado transportou no ano passado, segundo dados da Antaq, 3,2 milhões de toneladas no que se refere a granéis líquidos, a principal carga transportada via cabotagem no estado. O número é expressivo e representa quase metade das 7 milhões de toneladas de derivados de petróleo importados pelo Porto do Itaqui. O destino são os estados do Pará (1,1 milhão de t), Pernambuco (690 mil t), Amazonas (537 mil t) e Ceará (419 mil t), o que torna o Maranhão um dos maiores entrepostos de derivados de petróleo do Norte e Nordeste.

No ano passado, para atender a uma demanda da Vale de até 10 mil TEUS/ano (da

sigla em inglês Twenty Foot Equivalent Unit, que significa tamanho padrão de contêiner intermodal de 20 pés) de transporte para a Europa de ferro níquel oriundo da mina Onça Puma, no Pará, foi criada a primeira linha regular de contêiner de longo curso no Porto do Itaqui com o armador CMA CGM. Depois disso, a Log In também entrou no mercado local com uma segunda linha de cabotagem com escalas quinzenais na rota Suape, Pecém, Itaqui e Belém. O chamado serviço Costa Norte integra o Brasil aos países do Mercosul, sendo, portanto, uma opção para acesso a novos mercados.

O gerente comercial da Log-In, Fábio Siccherino, confirmou que o menor custo no transporte frente a outras opções logísticas (devido à capacidade de absorver grandes volumes, entre outros fatores), soma-se a maior segurança na entrega (índices quase nulos de roubo de carga) e menos avarias nos produtos. Além disso, ele acrescentou que a cabotagem contribui significativamente para a redução do impacto ambiental, pois utiliza a intermodalidade de forma eficiente, contribuindo para o equilíbrio da matriz de transportes no Brasil.



“Na verdade, a migração do rodoviário para a cabotagem de cargas que se encontram acima de 1.500 quilômetros de distância e a 200 quilômetros da costa corrigiria a distorção da matriz de transportes no Brasil, que tem predominância no sistema rodoviário”, frisou Siccherino. Além de Alimentos e Bebidas, os setores de Higiene & Limpeza, Siderurgia, Linha Branca e Eletroeletrônicos estão aderindo à cabotagem no Maranhão.

Uma das empresas locais a experimentar o serviço é o Grupo Mateus, que recebe, de forma regular, carga de arroz vindo diretamente do porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. “A vantagem é redução de custo, em média R\$3,00 por fardo, comparado ao transporte rodoviário que roda em média 5000 km para chegar ao Maranhão”, explicou o setor de Importação e Exportação da empresa por meio de sua assessoria de imprensa.

Tanto a Long In como o Grupo Mateus, a primeira como armadora e o segundo como usuário do serviço, fazem parte do esforço de tornar o transporte de contêiner via cabotagem como uma alternativa que tem o Porto do Itaqui como elo importante na rota de distribuição de mercadorias no país, permitindo a interligação do Brasil com outros mercados internacionais. Na outra ponta do triângulo está a Empresa Maranhense de Administração Portuária (EMAP), que já planeja a criação de infraestrutura adequada à movimentação de contêineres com o Terminal de Contêineres do Maranhão. “O Tecom contará com uma área em terra capaz de abrigar um pátio de contêineres com acesso rodoferroviário e com capacidade para movimentar 230 mil Teus/ano em cada etapa”, explicou o diretor de Operações da EMAP, Gustavo Lago. ■

MOVIMENTAÇÃO DE CARGAS	Natureza da Carga	Quantidade Transportada (t)	%	
	Granel Sólido	18.301.965	13,73	
	Granel Líquido	104.657.709	78,53	
	Carga Geral Solta	4.617.348	3,46	
	Carga Geral Containerizada	5.698.380	4,28	
	Total	133.275.402	100,00	
	Natureza da Carga	Quantidade Transportada (t)	%	
	Combustíveis e óleos minerais, produtos	102.270.968	76,74	
	Bauxita	14.813.321	11,11	
	Contêineres	5.698.380	4,28	
	Madeira	1.947.286	1,46	
	Produtos químicos e orgânicos	1.218.026	0,91	
	Natureza da Carga	Quantidade Transportada (t) 2010	Quantidade Transportada (t) 2011	% var
	Granel Sólido	18.239.171	18.301.965	0,34
	Granel Líquido	102.532.931	104.657.709	2,07
	Carga Geral Solta	4.737.704	4.617.348	-2,54
	Carga Geral Containerizada	5.198.792	5.698.380	9,61
	Total	130.708.598	133.275.402	1,96

Postos de trabalho na indústria em queda

EVOLUÇÃO DO EMPREGO - out/12 - MARANHÃO

SETORES	OUTUBRO/2012				NO ANO**				EM 12 MESES***			
	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR%	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR%	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR %
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	1.285	1.531	-246	-0,65	14.045	12.522	1.523	4,14	16.492	16.737	-245	-0,63
CONSTRUÇÃO CIVIL	4.000	4.449	-449	-0,69	50.941	51.307	-366	-0,55	60.081	61.676	-1.595	-2,34
COMÉRCIO	4.310	3.193	1.117	0,88	46.621	40.323	6.298	5,05	57.024	48.407	8.617	7,04
SERVIÇOS	5.229	4.103	1.126	0,71	52.395	43.171	9.224	5,99	61.541	52.192	9.349	6,07
AGROPECUÁRIA	2.308	3.784	-1.476	-4,99	22.297	22.040	257	0,93	26.177	26.535	-358	-1,27
TOTAL	17.265	17.243	22	0,01	190.129	172.700	17.429	4,05	225.414	209.171	16.243	3,76

FONTE: MTE-CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS-LEI 4923/65

Foram omitidos outros setores da economia

Manteve-se em baixa em outubro a evolução do emprego na indústria maranhense, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A indústria de Transformação teve queda de 0,65% e a Construção Civil de 0,69%. Apesar da indústria de Transformação ter variação positiva no ano de 4,14%, no período de 12 meses o valor ficou negativo em 0,63%. Já a

Construção Civil tem saldo negativo de 1.595 postos de trabalho nos últimos 12 meses.

Nos últimos 12 meses, o Comércio fechou em alta de 7,04% na criação de novos postos de trabalho; Serviços com 6,07% e Agropecuária com saldo negativo de 1,27%. Apesar dos resultados, no geral a economia maranhense encerrou os últimos 12 meses com um saldo positivo de 3,76% na geração de empregos.

Ciência e economia solidária na arte de criar



A união de Ciência, arte e economia solidária para educar e transformar o mundo para esta e futuras gerações.

Assim pode ser resumido o trabalho da artista Graça Maria Oliveira Soares, 62 anos, nascida em São José do Brito Mutar, comunidade quilombola localizada no município maranhense de Turiaçu. A artesã, formada em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) depois dos 40 anos, encontrou nas fibras naturais da bananeira e do quiabeiro terreno

fértil para desenvolver o artesanato, educar e criar novas possibilidades econômicas para as comunidades nas quais ensina o ofício de reaproveitar tudo sem agredir a natureza.

Graça nasceu em uma família de 25 irmãos e foi com o pai comerciante e pequeno agricultor que conheceu o que décadas depois seria a matéria prima do seu trabalho: a terra, os bananais e os quintais que até hoje são a

sua inspiração para produzir. Cresceu vendo as tecelãs transformarem caroços de algodão em redes, em uma época em que seguir esse exemplo era proibido. A ordem era estudar e se formar, mas arte estava fora da lista dos seus pais, que assim como o primeiro marido advogado, encararam a profissão como atividade marginal.

Depois de estudar em colégio de freiras, onde aprendeu a tocar órgão aos 13 anos, Graça reforçou a fé na natureza com a cura de uma doença respiratória com a água da raiz da imbaubeira. ‘Muito tempo depois, descobri que os índios chamavam a imbaúba de Árvore da Generosidade’, relembra.

Aos 18 anos, fez um concurso público para a Universidade Federal do Maranhão, onde na década de 80 se tornaria militante política, depois se aposentaria e aos 40 anos retornaria como estudante de Educação Artística à mesma instituição. Antes fez Edificações na Escola Técnica, hoje IFMA, sem nunca ter exercido essa profissão. Pai e mãe não queriam que ela se formasse em Artes e o marido advogado também não estimulou, mas isso a deixou mais decidida. ‘Eles achavam que arte era uma atividade menor do que seguir os passos da Medicina ou da Advocacia’, lembrou.

Na faculdade, Graça escolheu o caminho da arte engajada, a que na sua opinião traz alguma contribuição para o mundo. ‘Para mim, a arte ocupa o lugar reservado ao sagrado’, frisou. E foi na faculdade que ela iniciou a pesquisa ‘Fibras Naturais no Processo Criativo da Arte-Educação’, uma proposta

para a escola usar os quintais no ensino de conteúdos transversais por meio da arte para que as crianças tivessem o prazer de permanecer na sala de aula. A experiência reuniu e integrou crianças da cidade com grupos da zona rural na produção de artesanato, teatro e artes plásticas.

Esse trabalho deu origem à ONG ambientalista Arte Mojó e mais tarde à formação de um grupo de produção integrado só por mulheres e que ainda hoje atua no município de Paço do Lumiar, na região metropolitana de São Luís. “Me inspirei em uma experiência do Rio Grande do Sul e também nos dados da minha pesquisa que tinha apontado a bananeira como uma das fibras naturais mais comuns. Um dos objetivos era fazer Paço do Lumiar um pólo de plantação de bananeira, que serve para alimento, remédio e artesanato”, contou Graça.

Ela abriu um ateliê para seguir com a pesquisa de fibras temporárias, como as de bananeira e quiabeiro, e materiais como sacos de 50 quilos de cimento, que





HERBERTH BRANDÃO

costumam ser descartados no solo depois de usados. ‘A bananeira veio para o meu trabalho como fibra alternativa a do buriti, já que esta planta diminui e até morre quando a fibra é colhida de maneira errada, ao contrário da bananeira’, explicou a artesã. Para ela, o artesanato pode ser um retrato fidedigno do que somos como povo, cultura, o que consumimos e os nossos valores. “Você encontra as plantas que dão origem ao artesanato ou é apenas para turista ver?”, refletiu ela, acrescentando que todas as artes e todas as Ciências devem estar voltadas para o desenvolvimento humano.

Para o futuro, a artesã diz que é preciso vencer a ausência de políticas públicas e sugere que o artesanato vire política de governo em todos os níveis porque dele derivam o alimento, os recursos financeiros, a cultura e o aproveitamento integral dos materiais. “Não dá para se buscar tudo nas lojas e nos supermercados. Não sabemos o que fazer com o lixo, na nossa cidade não tem coleta seletiva. Meio ambiente tem que estar na pauta do nosso cotidiano de forma natural, assim irá influenciar na saúde, na educação e na economia. Temos que esperar o tempo da natureza se restabelecer”, aconselha a artesã maranhense que recebeu menção honrosa no 3º prêmio brasileiro da Casa Brasil, em São Paulo, pelo seu trabalho com fibras naturais. ■

Sempre volta

AGILIDADE. DESTREZA. PRECISÃO. ARTE. PAIXÃO. PEGAMOS
EMPRESTADAS ALGUMAS DAS CARACTERÍSTICAS DO
BUMERANGUE PARA TRANSMITIR AOS NOSSOS CLIENTES
ALGUNS DOS NOSSOS VALORES. O RETORNO PARA O CLIENTE É
PROPORCIONAL AO NOSSO. SEMPRE VOLTA.



A EMPRESA QUE FAZ A REVISTA MARANHÃO INDUSTRIAL

portal-com@msn.com



O JOSUÉ PEREIRA,
MONTADOR DE ESTRUTURAS METÁLICAS,
ESTÁ SEMPRE PROTEGIDO.

O JOSUÉ PEREIRA,
PAI DA ANA, TAMBÉM.



NO TRABALHO E NA VIDA PESSOAL, SEGURANÇA É FUNDAMENTAL.

Não é só no ambiente de trabalho que você precisa tomar os devidos cuidados para se precaver dos acidentes. Nos seus relacionamentos, também há riscos: use sempre camisinha e evite as doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids por exemplo. Cuide bem de você e de quem você ama.

SESI

www.sesi.org.br

FIEMA SESI